



IMPRESA  
OFICIAL/ES

DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

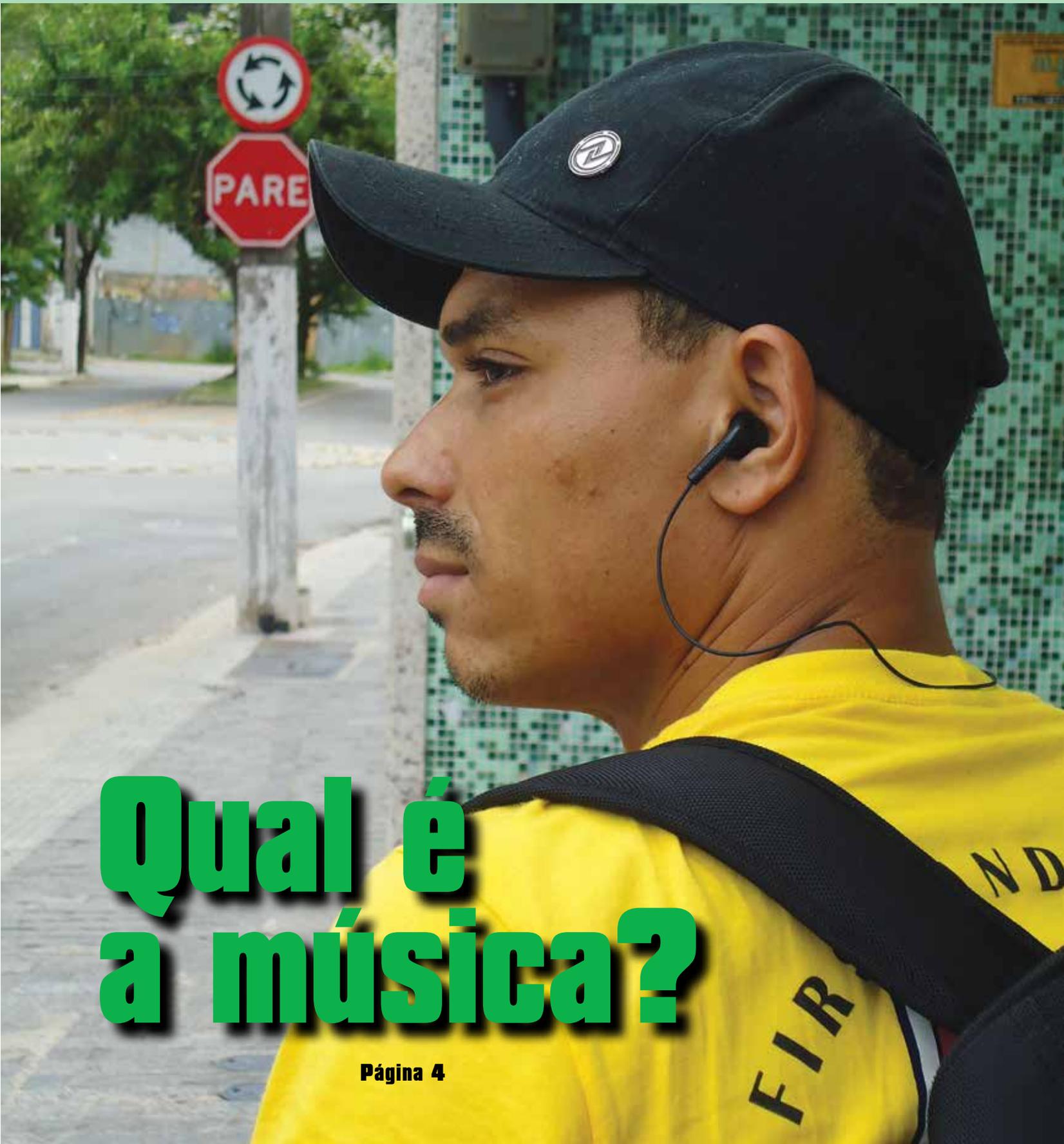
[www.dio.es.gov.br](http://www.dio.es.gov.br)

# Caderno

Ano V - nº 27  
Vitória-ES  
Maio de 2015  
Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



# Qual é a música?

Página 4

# MENU

**Erlon José Paschoal**  
erlonpaschoal@uol.com.br

A Casa Porto de Artes Plásticas, no centro de Vitória, abriga no momento dois artistas importantes da cena capixaba, em um projeto de residência artística que, além de oferecer ao público interessado a possibilidade de acompanhar o processo de trabalho dos respectivos artistas, resultará em uma exposição a ser aberta durante o mês de Maio. Fredone Fone e Romilda Patez, dois artistas com histórias e experiências distintas, se dedicam agora a uma linguagem de grande destaque na produção artística do Espírito Santo: a gravura.

Fredone retrabalha suas impressões utilizando objetos encontrados ao acaso no entorno da Casa Porto como motes para suas gravuras, que ambicionam imprimir referências da realidade local tornando-as obras de arte na exposição “Impressão do Encontro”. Romilda propõe uma instalação em formato de painel com 120cm de largura, suspensa e presa do teto até o chão, composta de gravuras diversas com suportes variados. Seu “Jardim Secreto” pretende suscitar a curiosidade e a sensibilidade do público para a diversidade e para temas incomuns.

Os dois trabalhos poderão ser vistos na 1ª Mostra Internacional de Gravura, entre 5 de maio a 25 de Julho, na Casa Porto de Artes Plásticas. A exposição com obras de artistas de diversos países tem a curadoria do cubano Fernando Gómez, professor da UFES.



O SESC Glória apresenta até 12 de Julho uma exposição vigorosa e, por vezes, desconcertante de Alexandre Mury: são as “Fricções Históricas”, autorretratos de tamanhos expressivos que se “esfregam”, imitam e “atritam” com a tradição histórica, fazendo sempre referências a obras profundamente presentes no imaginário do público. As sensações produzidas podem ser o incômodo, a desconfiança, a admiração, e suscitam um sorriso irônico ou prazer único por estar compartilhando momentos tão significativos da arte ocidental. Afinal, o artista faz uma

homenagem ou descobriu uma sequência de trabalhos criativos já unanimemente incluídos no panteão de obras-primas da arte ocidental.

De qualquer modo, é preciso desfrutar pessoalmente tais vivências e deixar que as sensações falem por si mesmas. A curadoria é de Vanda Klabin que afirma: “Mury pensa a arte em torno da transformação do nosso olhar, a partir de uma reinterpretação, de releituras e, ao mesmo tempo, é um desafio que parece encenar a sua vida, ao discutir continuamente seus enigmas. Pensar a arte a partir de uma interpretação, agregar novas entidades e significados, decifráveis ou não, isso tudo me faz lembrar a frase de Clarice Lispector: “decifra-me, mas não me conclua, eu posso te surpreender”.



“Um Genocídio em Julgamento - O Processo Talaat Paxá na República de Weimar”, que traduziu para a Editoria Paz e Terra, de São Paulo, ganhou destaque neste ano, em função dos eventos em memória dos 100 anos do genocídio de milhões de armênios cometidos pelos turcos. Trata-se de um caso incomum na história jurídica da Alemanha: em 1921, o jovem estudante armênio Salomon Teilirian assassinou com um tiro em uma rua de Berlim o ex-Ministro do Interior do Império Turco-Otomano, Talaat Paxá. O assassino foi preso, levado a julgamento e, apesar das evidências do crime, foi absolvido. O julgamento se tornou surpreendentemente uma exposição dos horrores da matança cruel e brutal de mais de 2 milhões de armênios, entre 1915 e 1918. Afinal, Talaat Paxá foi o responsável pelos decretos que resultaram em ações militares contra o povo armênio, dentre as quais as que vitimaram toda a família de Teilirian anos antes. São descrições terríveis que antecipam o que o mundo ocidental viria a vivenciar nos campos de concentração nazistas e em inúmeros outros genocídios na África, na Palestina e no Iraque.



Erlon José Paschoal



## GOVERNO DO ESTADO

PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES  
Governador

CÉSAR ROBERTO COLNAGHI  
Vice-Governador

SANDRA HELENA BELLON MODOLO  
Secretária de Gestão e Recursos Humanos

## DIO

MIRIAN SCÁRDUA  
Diretora Presidente

SÉRGIO RICARDO DE OLIVEIRA EGITO  
Diretor de Produção e Comercialização

GETÚLIO DARCY CURTY PIRES  
Diretor Administrativo Financeiro

## SECULT

JOÃO GUALBERTO M. VASCONCELOS  
Secretário de Estado da Cultura

## Direção Geral

Marcos Alencar

## Produção de matérias

Dora Dalmasio

## Revisão

Erlon José Paschoal

## Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

## Jornalista responsável

Stephanie Oliveira ES 01658/JP

Impresso na Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado no site [www.dio.es.gov.br](http://www.dio.es.gov.br)



# Xô *Urubu*

O São Luiz tinha tanto charme e magia que até faroestes ganhavam status quando passavam lá. Caso de Por Um Punhado de Dólares (64), O Dólar furado (65) e O Bom, O Mau e o Feio(67). Dentre as dez bilheterias estão Marcelino Pão e Vinho, cópia P/B exibida nos anos 60, O Mágico de Oz, filmado 1939 e reprisado com as cores restauradas na década dos 50. Os três primeiros filmes da série James com Sean Connery, foram exibidos no São Luiz. O Stanico Dr. No (62) Moscou Contra 007 (63) e 007 contra Goldfinger (64) lotaram o cinema durante semanas.

Por lá passaram Sansão e Dalila, As Façanha de Hércules, El Cid, O Maior Espetáculo da Terra, Trapézio, O Cangaceiro, O Candelabro Italiano, Os Profssionais, Doutor Jivago, Psicose, O Pagador de Promessas, Blow-Up, A Marca da Maldade, o Planeta dos Macacos, Encurralado e Tubarão. Se meu Apartamento Falasse, (60) dirigido por Billy Wilder, foi um dos filmes mais encantadores exibidos no Cine São Luiz. Um escriturário solteiro (Jack Lemmon) empresta o apartamento para as aventuras amorosas de seus chefes e acaba se apaixonando

pela amante do presidente da empresa (Shirley MacLaine), uma ascensorista simpática. O filme ganha em ternura com a música tema The Apartment, de Adolph Deutch.

Quem frequentou o São Luiz tem histórias engraçadíssimas para contar. Washington Boni era um sujeito muito brincalhão e frequentador do local. Ele conta que a Condor Filmes tinha, como abertura, um pássaro preto pousado em cima de uma montanha. A ave ficava quietinha alguns segundos e, depois, saía voando, formando no céu o nome da Condor. Ele contou que certa vez, com o cinema superlotado, correu para a frente da tela, tirou a blusa e começou a espantar o condor.

- Xô, urubu!!! Xô, urubu!! - gritava ele. "O condor não demorou muito e bateu asas. Então, meu camarada, é claro que a turma nao se aguentou e caiu na gargalhada", disse Washington.

O Cine São Luiz também foi vítima dos tempos modernos. Não suportou a concorrência da TV, o surgimento do videocassete, a violência e a falta de segurança no centro da cidade. No dia 15 de fevereiro de 1996 encerrou as atividades como cinema. ■



José Tatagiba é memorialista e escritor



# CAPA



Dora Dalmasio  
é jornalista

## Sempre em bo

“Sem ela a vida seria um erro”  
*(Friedrich Nietzsche).*

**R**ock, MPB, eletrônica, clássica, hip-hop, jazz, funk, sertanejo em seus subgêneros como universitário e arrocha, samba, pagode, mashup ou mixagem... No que diz respeito a música, cada um tem os seus gêneros, cantores e álbuns favoritos, é claro. Agora, quando o assunto é a maneira de ouvir as canções, há uma que se tornou comum e se ampliou com a popularização dos smartphones: o uso de headfones ou fones de ouvido.

Na academia, no ônibus, em caminhadas, corridas e até mesmo no



*Dora Dalmasio*

dalmasio.dora@gmail.com

# a *companhia*

trabalho, há quem não dispense esse acessório, por meio dos qual ouve suas músicas preferidas sem incomodar quem está por perto e que funciona como transporte para um mundo bem melhor daquele que o rodeia.

O uso de headfone virou febre. Tanto que o mercado oferece vários tipos de headfones e não será por falta de modelos que o “ouvinte” vai ficar sem escutar suas melodias prediletas e exaltar o seu amor pela música.

Desenhista projetista, 58 anos, Catarina Azevedo não abre mão do aparelho que lhe permite ouvir seu repertório, que é variado. No serviço. É, isso mesmo. É onde mais ela usa os ditos auscultadores.

Trabalhando com projetos técnicos e desenvolvendo desenhos pelos softwares de engenharia do tipo Auto-Cad e Inventor, algumas perguntas são inevitáveis: como assim? Ouvir música não é incompatível com sua atividade profissional? Esse hábito não pode levar a um equívoco de cálculo? Ledo engano de quem assim imagina, garante Catarina.

### **Concentração**

“A música não interfere na qualidade nem no resultado do meu trabalho. Me traz concentração e foco, porque me desligo do ambiente externo”, explica. E é no trabalho que ela e os colegas fazem grandes intercâmbios



# CAPA

musicais, com compartilhamento de canções baixadas da internet.

O que ela ouve? Depende. “Quando o serviço é mais ‘pesado’, escuto música clássica: Mozart, Vivaldi, Beethoven e outros. Se o trabalho é mais ‘light’, como revisão de arquivos, aí o ritmo muda: é rock e MPB e até samba. Aprecio Diogo Nogueira e Alcione, por exemplo.”

As músicas preferidas de Catarina formam um mix bastante heterogêneo de ritmos e cantores/bandas. Ela destaca, além dos já especificados: Elis Regina, Zizi Possi, Nando Reis, Caetano Veloso, Elba Ramalho e Zé Ramalho. A categoria sertanejo também está entre sua seleção, assim como Norah Jones, Led Zepelin, Depp Purple e Pearl Jam.

## Bituca, sempre atual

“Ah! Como pude esquecer? Milton Nascimento! Para mim, todas as músicas dele são atuais”, confessa a fã incondicional de “Bituca”, um dos criadores do Clube da Esquina e dono de uma voz de timbre particular e inconfundível.

Cinéfila contumaz, ela tem o hábito de baixar trilha sonora de filmes, assim como fez com as músicas clássicas de certa película, que sempre tocavam no momento em que o serial killer se preparava para matar. Virgem santa!

“Música é tudo. Acalma, agita, traz recordações de bons e maus momentos da vida da gente. No serviço, às vezes me pego cantarolando baixinho a música que estou ouvindo no fone e os companheiros de trabalho alertam, em tom de brincadeira: ‘Menos, Catarina, menos...’”

Ela conta que usa fone de ouvido para ouvir música desde o tempo do CD instalado no computador. Hoje, para apreciar suas canções, utiliza um HD externo ou pen drive. Em seu HD de 500 GB (gigabyte) há uma pasta específica para fotos, filmes e músicas. “Devo ter cerca de 300 músicas”, avalia.

Outro tipo de música do qual seus ouvidos não ficam carentes são as melodias italianas, especialmente as entoadas por Andrea Bocelli. Catarina comenta que ouvir música do país da seleção Squadra Azzurra ajuda em seu desenvolvimento no curso de italiano.

## Perfeita

“A música é a arte que tem a capacidade de levar alegria e esperança às pessoas”. Assim disse, certa vez, um maestro. Para Lucas Vaz, 19 anos, funcionário do setor administrativo de uma Organização Não-Governamental (ONG), o significado da música é mais que isso. “Perfeita”, resume.

Ele começou a ouvir canções por fone de ouvido aos 12 anos e hoje utiliza celular ou iPod. Está com os fiozinhos pendurados no ouvido por onde anda: na praia, no ônibus, no skate... A música, segundo conta, lhe traz tranquilidade.

“Sou eclético, mas prefiro os gêneros eletrônico e hip-hop/rap. Baixo as músicas da internet ou de um aplicativo do celular, chamado 4 Shared”, conta o jovem.

## “Lake That”

Aquela música que Lucas jamais se cansa de ouvir? “Lake That”, mixada pelo DJ Bassjackers. Deleita-

-se, ainda, além das demais de Bassjackers, com as canções de David Guetta, outro DJ. Também se liga e muito na música “C.U.B.A.”, de Calvin Harris.

Mas Lucas não dispensa um sertanejo e cita a dupla Jorge e Mateus, atestando seu ecletismo musical. No gênero hip-hop/rap, fica com Wiz Khalifa e a banda O Rappa.

Em seu celular Sony Xperia z3, numa pasta de oito gigabytes, há cerca de duas mil músicas. “Quando não cabe mais, arrango um cartão com capacidade maior e vou acrescentando novas canções.”

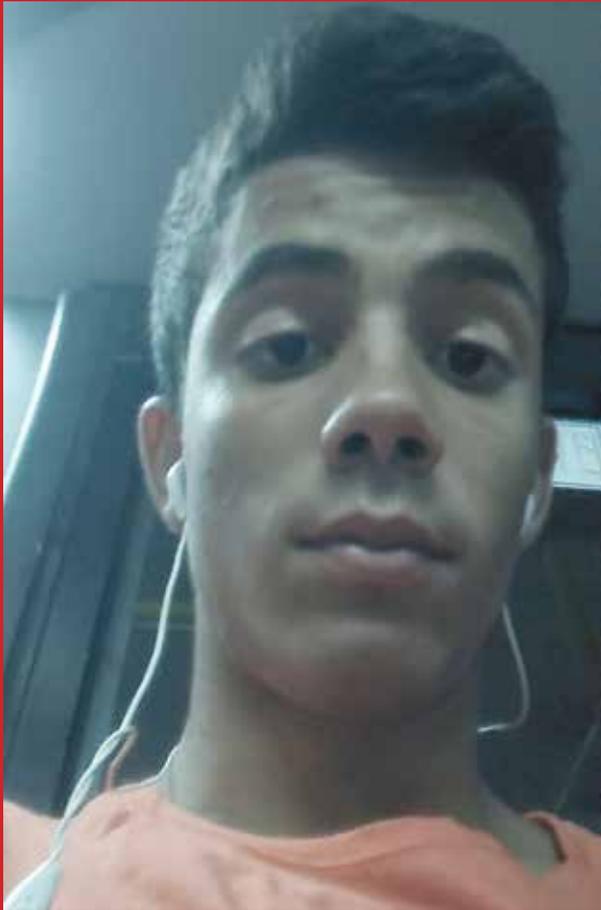
## Desde o tempo dos walk talks

“Acredito que passei a usar fone de ouvido desde os meus 16, 17 anos. Naquela época, era com os walk talks de CD”, conta Daniella Tosta Link, 32 anos, gerente geral de uma empresa privada.

O uso do fone de ouvido foi a forma que ela encontrou para curtir suas preferências musicais sossegada, sem que ninguém fique julgando ou criticando o repertório.

Daniella costuma estar acompanhada de seu fone de ouvido durante as caminhadas pelo calçadão da orla de Camburi e ouve, basicamente, pelo seu iPhone, pop music. “Às vezes, escuto música também quando estou trabalhando”, diz.

“Postcard”, de James Blunt. É essa a música que Daniella não se cansa de ouvir. Mas, repensa, tem mais. “Já escutei o último álbum do Keane e do James Blunt várias e várias vezes”. Outros cantores/bandas de sua preferência são Coldplay, Kate Perry, Capital Inicial e



Fotos: Divulgação

Aquela música que Lucas nunca se cansa de ouvir?  
“Lake that”, mixada pelo DJ Bassjackers



“Já ouvi o último álbum do Keanu e do James Blunt  
várias e várias vezes” diz Daniella Link



Davi Bortolini

Com a música, Catarina se desliga do ambiente externo  
e joga mais concentração e foco nos seus projetos de engenharia



Para Joceir é assim: funk nos bons momentos  
e músicas do tipo “sofrência” nas horas de melancolia

# CAPA



**Eclético quando se trata da chamada primeira arte, Angelo ouve de tudo: MPB, rock nacional, axé, dance, samba, pagode e arrocha, além de músicas internacionais**

Bon Jovi, entre outros.

Atualmente, Daniella não baixa mais músicas da internet. Compra suas canções do iTunes Stores, “o melhor lugar para suas músicas depois de seus ouvidos”, como diz a propaganda do site da Apple.

Para ela, o melhor são os fones tipo fone de celular, aqueles que encaixam dentro do ouvido [os in-ear]. “Os médios, do tamanho da orelha, me causam dor. Com os grandes [tipo concha] também me acostumei bem.”

## **Inspiração**

Angelo Moniz Freire, 43 anos, representante comercial, começou cedo. Usa fone de ouvido desde os dez anos, influenciado que foi pelo irmão mais velho, que na época era DJ.

Em seu iPod rola de tudo um pouco, pois se diz eclético quando o assunto é a chamada primeira arte: MPB, rock nacional, axé, dance, samba, pagode e arrocha (ritmo proveniente da seresta, surgido em Candeias, Bahia), além de músicas internacionais.

“Escuto música em fone de ouvi-

do principalmente quando estou na praia, na academia e andando de bicicleta”, diz Angelo, que usa o aplicativo Utorrent para baixar da internet sua playlist e o Shazam para acompanhar os lançamentos a fim de renovar os álbuns.

Quando se pede que expresse em uma só palavra o que a música significa para ele, Angelo não titubeia: “inspiração”. E, acrescenta: “a música me traz felicidade e animação”.

## **Depende...**

Para cada estado emocional, um tipo de música. É assim que acontece com o assistente de produção Joiceir Lourenço das Neves, 32 anos. Se está sem dinheiro ou fica triste e cabisbaixo por um outro motivo, ouve música que fala de melancolia, tipo “sofrência” que, de alguma forma, traduz o seu astral e se identifica com fatos de sua vida. Porém, quando sente-se alegre, vira o disco: os hits são canções agitadas, tipo funk.

Todos os dias, quando sai de casa às 5h40 para o trabalho, o fone de



ouvido já faz parte de seu look. Tira o acessório no trabalho e, à tarde, no final do expediente, lá está ele de novo com a cabeça entre os fios.

Joceir é também fã dos gêneros sertanejo universitário, sertanejo arrocha, pagode, forró – samba, só Martinho da Vila, pontua. Na variação arrocha, cita o grupo Latitude 10, do qual é fã.

Tem por hábito o uso de fone de ouvido desde os seus 8 anos e de seu repertório atual constam cerca de 300 músicas., Aquela que não se cansa de ouvir? “Mozão”, do cantor e compositor Lucas Lucco, que mostra preocupação social na criação de suas músicas. “Mozão’ faz um alerta sobre o câncer de mama”, conta Joceir. As canções de Silvano Salles, no ritmo de “um forrozinho mais acelerado”, estão também entre suas preferências. 



## Evolução e revoluções

Amante do gênero musical jazz, o consultor em Segurança Digital Gilberto Sudré analisa: “A popularização do headfone é uma mudança importante. Primeiro, diz, veio o vinil, que a pessoa comprava por causa de uma ou duas faixas. Depois, foi a vez do CD, para melhorar a qualidade do som, mas que em nada mudou quanto a uma seleção musical totalmente apreciada pelo consumidor: apenas algumas músicas eram favoritas”.

Ele destaca que a primeira revolução veio com o aplicativo iTunes, de onde se pode comprar e baixar, da internet, as músicas preferidas.

Já a segunda revolução está em curso: o uso de serviços como o Spotify, aos quais se paga um valor mensal e que possuem um repertório de cerca de cinco milhões de músicas. É como o Netflix (serviço específico de cinema) da música, que possibilita baixar as canções preferidas para o seu HD, tablet, smartphone e iPod, entre outros.

“Além de propiciar a seleção de suas músicas e álbuns favoritos, esse serviço permite que as pessoas ouçam cantores ou bandas desconhecidas, ampliando, se a novidade agrada, o seu acervo



musical”, diz o consultor.

Ele comenta que, com a melhoria na infraestrutura nas redes, a tendência não será armazenar músicas nos dispositivos e sim ouvi-las online. Quanto à conexão dos headfones com os smartphones, o acoplamento sem fio através do protocolo Bluetooth\* está em alta.

Ah! O consultor confessa: costuma ouvir música quando está trabalhando, seja escrevendo um texto ou desenvolvendo um programa de computador e também garante que isso não atrapalha a sua performance profissional.

(\*) Gilberto Sudré explica que o nome Bluetooth é uma homenagem ao rei da Dinamarca e Noruega Harald Blåtand – em inglês Harold Bluetooth (traduzido como dente azul). Harald é conhecido por unificar as tribos norueguesas, suecas e dinamarquesas. Da mesma forma, o Bluetooth procura unir diferentes tecnologias, como telefones móveis, headphones e computadores.

# MINHA ESTANTE / Deny Gomes

## O exemplo *paterno*

Conversar com Deny Gomes sobre livros é como fruir uma estante cujas prateleiras levam a um delicioso passeio pelo vasto mundo da poesia e do romance.

Formada em Letras Neolatinas e primeira professora da disciplina Teoria da Literatura do Departamento de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), ela lembra que a sua imersão na leitura começou cedo, arrastada pelo exemplo do pai.

“Seu” Josaphat dos Santos Gomes, cearense de Canindé, foi professor e um grande leitor. Quando a família deixou o Maranhão (estado natal de Deny) e foi morar em Colatina, o pai, na ocasião contador da loja A Bodega, de José Pagani, assinava a revista “Detetive”, e isso a influenciou a gostar de histórias de tribunal. Deny era a segunda na fila da leitura. Primeiro, claro, vinha o assinante.

Deny leu também muito gibi e foto-novela e, daí, partiu para o romance, gênero literário no qual estreou com “Iracema”, de José de Alencar. Em suas viagens pelo mundo, as livrarias são pontos turísticos e ela costumava, dos hotéis, despachar para o Brasil uns 10 livros de língua estrangeira. As encomendas, lembra, chegavam cerca de três meses depois.

### **Sensações de experiência**

“É uma nova vida que se usufrui com a leitura. Pelas páginas de um livro há uma grande quantidade de vida e de sensações de experiência”, afirma.

Desde a adolescência, Deny se interessou em aprender línguas estrangeiras e esse foi sempre seu campo de atuação. Depois, rendeu-se à Literatu-

ra de Ficção e Poesia. E, aí, aprende-se com ela que a literatura de ficção – romance, conto e crônica – transforma a realidade com o uso de dois poderosos instrumentos que o homem possui: a imaginação e a memória.

“A literatura de ficção sempre tem uma ligação com a realidade histórica, próxima ou remota. Mas não perde esse elo”, ensina a professora, autora dos livros “O Desejo Aprisionado” e “Promessas do Tempo”.

“Nunca me atrevi a publicar nada em prosa, porque não me dá o mesmo prazer que a poesia.” E cita, como exemplo, a poesia intitulada CDA, de seu livro “Promessas do Tempo”, que é um jogo de palavras drummondianas. “Drummond consegue passar uma enorme carga de emoção, rompendo com todas as normas da poesia. Suas obras têm verso, estrofe e rima. E não são poesia. Você sente que é um poema. E que é o poema? A concretização da poesia”.

Livros prediletos? Um: “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, que assume o no topo da lista. Mas há outros de que gosta, a exemplo de “Cem Anos de Solidão”, de Gabriel García Márquez; “Macunaíma”, de Mário de Andrade; “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa; e “Romanceiros da Inconfidência”, de Cecília Meireles. Quanto aos escritores brasileiros que mais admira está a trindade Machado de Assis, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos.

### **Dom Casmurro – Machado de Assis**

É o romance da dúvida. O livro mergulha na profundidade das vivên-

cias humanas, intensifica a dramaticidade do relato e coloca o leitor como coautor. Capitu traiu ou não traiu? A ironia da análise sociofamiliar centrada na figura do “superlativo” José Dias impede que a narrativa se torne trágica ou mórbida e a conserva no âmbito da visão social crítica.

### **Dom Quixote de La Mancha – Miguel de Cervantes**

Considerado o primeiro romance da literatura ocidental, foi escrito com a intenção de “combater a cavalaria andante”, de satirizar a irreabilidade das novelas de cavalaria, muito lidas na Espanha no Século XVII. Divididos entre o sonho e a realidade, o Cavaleiro da Triste Figura e seu escudeiro leal – Sancho Pança – tornaram-se símbolos de valores humanos universais que têm influenciado a criação artística e a vida social desde a publicação da obra.

### **Vidas Secas – Graciliano Ramos**

Um romance desmontável foi a classificação dada por Jorge Amado a essa obra. Os acontecimentos vividos por Fabiano, sua família e a quase humana cachorra Baleia vão além de uma narrativa de viagem: transformam-se em visões de experiências compartilhadas por homens e animais, adultos e crianças, que fogem do flagelo natural em busca da sobrevivência.

### **Macunaíma: a Rapsódia**

### **Sem-caráter - Mário de Andrade**

Nas cantorias dos repentistas nordestinos é frequente o galope à beira-mar, que perpassa por ocorrências trágicas ou cômicas, mais realistas ou mais

imaginativas, viagens onde fatos se sucedem quase sempre centralizados em um herói conhecido pelo público.

Quando relata a sequência das aventuras de Macunaíma, Mário de Andrade destaca as qualidades e os defeitos do protagonista, sem endeu-sá-lo ou torná-lo um demônio: ele simplesmente não tem caráter. Para ele, o que importa é relacionar-se com o mundo, conhecer pessoas e lugares, amar, brincar, descobrir. Irreverente e feliz, Macunaíma é símbolo das três raças que constituem nossa nacionalidade e teima por transformar-se em constelação no páramos celestes de onde vela por nós, seus leitores, amigos e irmãos.

**Grande sertão: veredas –  
Guimarães Rosa**

Voltando da foz do rio de sua vida até a nascente, Riobaldo relata suas aventuras, dramas e amores. O enredo é vasto como o sertão, percorrido por emocionantes veredas onde o Brasil se desenha. Vaqueiro, cangaceiro, dilacerado pelas angústias de um amor impossível, ele se debate em enigmas: Deus existe? E o Diabo? Que limites tem o amor? É possível vencer a morte?

Guimarães Rosa elabora uma narrativa onde se dá um caso de amor com a linguagem, a superação da realidade cotidiana pelo mergulho no mito, nas lendas, na fábula. Estória e história, Diadorim e Otacília, o Brasil e os brasileiros compõem um grande livro. Nele se traça com imaginação e rigor a beleza permanente de nossa literatura. ■



## ARTESANATO

Tamanho *P*

No caso, não são pequenos apenas alguns detalhes. Todos os detalhes são, mais que pequenos, miúdos, a ponto de ser necessário apertar a vista pra se ver melhor. Ou lançar mão de óculos, para quem possui visão menos acurada. São desse modelo as montagens em miniatura desenvolvidas por Maria Bernadete Aguirre Von Randow.

Imagine uma casa com todos os cômodos – quartos (inclusive de bebê com brinquedos), salas, banheiro, cozinha e varanda – que uma residência tem. Agora, pense em tudo isso em escala bem reduzida. Aí, dá para ter uma ideia do trabalho artesanal a que se dedica a funcionária pública aposentada, que adquire as peças da revista “Planeta deAgostini”, pela internet.

A publicação é quinzenal, composta por quatro fascículos, e lhe chega via Correios. A cada edição, “Planeta deAgostini” traz itens para a montagem do quebra-cabeças, digo, do objeto miniatura.

“Levo, em média, dois anos para montar uma casa, já que só trabalho nos fins de semana em que vou para o sítio em Santa Teresa. E são necessários em torno de 100 fascículos para ‘terminar a construção’, explica.

Muitas vezes, ocorre de ela mane-



Dora Dalmasio é jornalista



*Dora Dalmasio*  
dalmasio.dora@gmail.com

Fotos: Margarida Cordeiro



Se fossem de tamanho normal, era entrar e morar



# ARTESANATO

jar as peças com pinça, já que são extremamente minúsculas. Trata-se de um hobby que exige calma e concentração e que traz como benefício, além do resultado fantástico, o estímulo do raciocínio, segundo relata a artista.

Bernadete “faz arte” há uns 15 anos. Já transitou pela pintura em porcelana, bijuterias e escultura. E tem um caso sério com miniaturas. De sua coleção constam cadeiras espanholas e instrumentos musicais (clarinete baixa, clarinete, fagote, oboé, flauta doce, flauta transversal, corneta, trompa, bandolim, banjo, guitarra e violão.

Agora, montar mesmo, fazendo aquele trabalho de formiguinha, juntando partes daqui e dali, além

de um relógio cuco (que funciona!), são as casas. Há uma de fazenda e uma de estilo normando, ambas de dois pavimentos, que são de apreciar de joelhos (até pra se enxergar melhor os detalhes tão pequenos). As residências são incrivelmente encantadoras. Não falta nada. Se fossem em tamanho normal, seria entrar e morar.

Têm, por exemplo, papel de parede, luminárias, cortinas, penteadeira e lareira. Nos banheiros, há até prateleiras, onde estão saquinhos de saís, e cesto de roupa. A cobertura é de telha e o piso de cerâmica. De verdade.

“Na revista vêm a madeira, louças e utensílios. Mas tudo desencontrado. Do quarto número em diante

já dá para começar a montagem. A madeira precisa ser lixada e impermeabilizada”, comenta Bernadete. Em suas viagens, está sempre de olho em miniaturas que possam dar um up na decoração das casas. De certa feita, trouxe da Holanda algumas louças de cozinha. Da Bélgica, vieram jogo de café e uma luminária de quarto de casal.

Tantas coisinhas miúdas ficam em sua casa de campo - Sítio Pa-sárgada -, localizada no município de Santa Teresa. Estão distribuídas pelo ambiente, para deleite dos amigos e familiares, que sempre aparecem e logo querem saber se há novas pequenas novidades. “As pessoas acham o trabalho admirável e querem ver bem de perto.”





Trazer louças de cozinha em miniatura da Holanda? Pois Bernadete trouxe.



Papel de parede, luminárias, cortinas, penteadeiras, lareira, armários, vaso sanitário, telhado, piso de cerâmica. Essas casas têm de tudo...



Cachoeira de Matilde,  
no município de Alfredo Chaves  
Foto: Vitor Nogueira  
[contato@vitornogueira.com](mailto:contato@vitornogueira.com)

